

Tentando definir linhas de orientação

Encontro nacional de cientistas debate problemas da investigação

Mais de mil cientistas e investigadores, provenientes de todos os pontos do País, vão reunir-se, a partir de hoje, no Forum Picoas, para debaterem projectos concretos de investigação, analisarem os problemas e os bloqueamentos que o sector enfrenta e tentarem traçar estratégias e linhas de orientação a médio prazo.

ORGANIZADO pela Junta de Investigação Científica e Tecnologia, este primeiro encontro nacional de cientistas, que se prolonga até ao dia 15, tem por objectivo produzir um forte impulso mobilizador, com reflexos na opinião pública e na sociedade em geral.

Segundo José Mariano Gago, presidente da Junta e um dos principais dinamizadores destas Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnologia, um dos maiores travões ao desenvolvimento científico tem sido a escassez crónica das verbas postas à disposição dos investigadores, mas, presentemente, algo está a mudar.

Mariano Gago cita como indicador positivo o facto de a Junta ter visto o seu orçamento multiplicado por 20 nos últimos dois anos, atingindo actualmente os 2,4 milhões de contos.

Grupos de especialistas prepararam para este encontro uma série de propostas de «programas dinamizadores», para sectores como a biotecnologia, as ciências e técnicas do mar, ciências e tecnologias dos materiais e microelectrónica, robótica e informática. Os programas contam já com verbas disponíveis.

A astrofísica, as altas energias, a óptica, a imunologia e as ciências da terra são outras áreas para as quais estão em preparação programas, embora de menor dimensão. Todos eles integram o Programa Mobilizador da Ciência e Tecnologia, que, depois de debatido nas jornadas, começará a ser aplicado.

Uma das metas que o programa se propõe atingir a mé-



Uma das metas é duplicar o número de investigadores até 1990

dia prazo é o desenvolvimento acelerado dos recursos humanos, apontando para a duplicação do número de investigadores nos próximos três anos.

Actualmente existem cerca de quatro mil investigadores em Portugal, o que dá menos de um investigador para mil elementos activos da população, enquanto nos países desenvolvidos da CEE a relação é de três a quatro por mil.

Embora não exista ainda uma política científica definida através de uma lei-quadro da Assembleia da República, a Junta propõe-se avançar e dinamizar prioritariamente algumas áreas, que entende serem aquelas em que Portugal pode alcançar melhores resultados e as que permitirão à comunidade científica nacional afirmar-se a nível comunitário.

O optimismo de Mariano Gago e o papel dinamizador que o Governo parece estar a atribuir à Junta não são, contudo, unanimemente aceites pela comunidade científica. Investigadores ligados à Organização dos Trabalhadores Científicos afirmam que, na realidade, não se verifica no orçamento de 1987 um reforço significativo da investigação científica no seu conjunto, já que a despesa global prevista, de 17,4 milhões de contos, re-

presenta um aumento de 16 por cento em relação ao ano anterior. Por outro lado, deduzida a inflação, essa verba representa, a preços constantes, um aumento real de quatro por cento, o que é considerado manifestamente insuficiente.

Neste momento, Portugal investe no sector, decisivo para o progresso económico e social de qualquer país, apenas 0,4 por cento do seu Produto Interno Bruto. Para recuperar o atraso e aproximar-se dos valores da CEE, teria de passar a investir 2,5 por cento.

Admitindo que o PIB cresça anualmente três por cento, a verba gasta com a investigação científica teria assim de aumentar, a preços constantes, 25 por cento ao ano durante a próxima década para se atingir em 1997 a meta desejada. O aumento de quatro por cento em 1987 demonstraria que existem ainda «hesitações» a nível governamental.

Isso mesmo se depreende das palavras do ministro do Plano, que, no debate do Orçamento Geral do Estado, disse que «o grande salto que se pode dar em termos do desenvolvimento económico e social do país tem muito a ver com aquilo que se possa fazer para o avanço da ciência e da

tecnologia», mas acrescentou que a «manta» orçamental não é elástica e não dá para cobrir tudo.

A este respeito, o bioquímico António Xavier, um dos dinamizadores do encontro, gosta de citar Indira Gandhi, quando, em resposta aos que criticavam o investimento de verbas enormes em projectos científicos considerados excessivamente ambiciosos para um país subdesenvolvido, afirmava que a Índia era demasiado pobre para se dar ao luxo de poupar na investigação científica.

Mariano Gago, por seu turno, pensa que Portugal ainda não perdeu a corrida e que, face às grandes mutações tecnológicas em curso, um país como o nosso, dispondo de alguma base industrial e científica, tem agora uma oportunidade única para alterar a sua posição e para apagar os sinais mais notórios do seu atraso, desde que se disponha a concentrar esforços num programa de desenvolvimento científico e tecnológico.

A equipa da Junta espera que do debate do seu programa, que ocupará um lugar de relevo nos cinco dias das Jornadas, saia um primeiro contributo para a dinamização, organização e desenvolvimento do sistema científico e tecnológico português.

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Investigação científica - Jornadas

